

Cartas para Sorocaba: um experimento de escuta, linguagem simples e participação cidadã na cidade¹

Paulo Antônio de Sousa Marquêz²
Universidade de Sorocaba – Uniso

RESUMO

Este trabalho apresenta o projeto *Cartas para Sorocaba*, uma proposta de comunicação pública baseada em cartas semanais dirigidas à cidade, publicadas no Instagram, com leitura integral disponível no Medium. A iniciativa busca refletir sobre temas urbanos e incentivar a participação cidadã por meio de uma linguagem acessível, afetiva e relacional. O objetivo é investigar como as cartas, ao abordarem temas como pertencimento, sustentabilidade, memória e inclusão, constroem narrativas urbanas e promovem o engajamento simbólico com o espaço urbano. A metodologia adotada é qualitativa, articulando análise narrativa, observação digital e abordagem autoetnográfica, com base em referenciais da comunicação urbana e das práticas socioculturais. O trabalho se fundamenta em autores como Brandão (2004), Roedel (2023), Avritzer (1996), Oldenburg (2009), Gehl (2013), Fortunato (2019), Minayo (2012), Maia e Batista (2020) e Ellis e Bochner (2000), entre outros que pensam a cidade como espaço simbólico e a comunicação como prática de escuta, convivência e participação. Os primeiros resultados apontam que as cartas funcionam como mediações afetivas, reforçando vínculos simbólicos e convidando os leitores a (re)pensarem seu lugar na cidade. Como pequenos ensaios urbanos, os textos provocam identificação, convocação e reencantamento com o cotidiano, configurando-se como um gesto poético-político de escuta e pertencimento.

PALAVRAS-CHAVE: cidade; comunicação pública; pertencimento; narrativas urbanas; participação cidadã

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho – GT11SE – Comunicação e narrativas urbanas, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Relações-públicas. Doutor e Mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade de Sorocaba/Uniso. Pesquisador do MidCid – Grupo Internacional de Pesquisa “Mídia, Cidade e Práticas Socioculturais”, Coordenador-geral do “LabLeg Sorocaba” – Laboratório de Inovação da Câmara Municipal de Sorocaba/SP. E-mail: paulomarquez.rp@gmail.com

1. Introdução

Como promover pertencimento, cidadania e engajamento afetivo com a cidade por meio de uma prática comunicacional pública, sensível e acessível? Essa pergunta ganhou força após a intensa experiência vivida durante a organização das audiências públicas da Câmara Municipal de Sorocaba para a aprovação do Plano Diretor de 2025. Foi nesse contexto de escuta ativa, escuta cidadã e mobilização social que germinou o projeto *Cartas para Sorocaba*: uma proposta de comunicação pública baseada em cartas semanais publicadas no Instagram e no Medium, que convidam a cidade a pensar sobre si mesma — com afeto, memória e participação.

As cartas são escritas em linguagem simples, em tom epistolar, e abordam temas como sustentabilidade, inclusão, bem-estar, pertencimento e convivência cidadã. A cidade de Sorocaba, localizada no interior de São Paulo, é ao mesmo tempo cenário e protagonista dessa proposta. O projeto parte do princípio de que a comunicação pública deve ser não apenas informativa, mas também relacional, afetiva e simbólica, criando vínculos entre cidadãos e o espaço urbano (Brandão, 2004). Nesse sentido, as *Cartas para Sorocaba* funcionam como pequenos ensaios urbanos que mobilizam narrativas pessoais e coletivas, ao mesmo tempo em que estimulam uma nova escuta pública — uma escuta que reconhece a pluralidade de vozes e modos de viver a cidade.

Nesse movimento, a comunicação se torna também escuta do lugar. Mais do que se dirigir à cidade, o projeto propõe escutá-la. Parte-se da ideia de que o urbano comunica, como defende Fortunato (2019): a cidade é linguagem, presença, fluxo e silêncio. Assim, as cartas também respondem a essa paisagem comunicativa, criando pontes entre experiência, subjetividade e espaço público.

Do ponto de vista teórico, a proposta se ancora nos estudos sobre comunicação pública, participação cidadã, narrativas urbanas e metodologias de escrita de si. A ideia de democracia deliberativa e de participação ativa como práticas estruturadas em torno do diálogo e da construção de consensos está presente em autores como Habermas e Avritzer (1996), que defendem a ampliação dos espaços de fala e escuta na esfera pública. Com base nesses fundamentos, entende-se que as *Cartas para Sorocaba* não apenas comunicam, mas performam um convite à participação simbólica — um gesto político de reconhecimento e convocação.

Esse gesto ganha ainda mais densidade quando se considera que o autor das cartas é, ao mesmo tempo, servidor público, cidadão e pesquisador. Além de propor um convite

à cidade, ele também se propõe a refletir sobre a própria prática. Ao partir da experiência pessoal e da escuta ativa, o projeto incorpora uma perspectiva autoetnográfica, na qual narrativas individuais revelam sentidos coletivos e cotidianos da vida urbana.

Ao articular elementos da cultura digital, da linguagem acessível e do engajamento simbólico, o projeto busca reconstruir vínculos entre cidadãos e territórios urbanos. Assim, as *Cartas para Sorocaba* se apresentam como uma experiência de comunicação pública sensível e situada, que transforma a escrita em escuta e propõe à cidade um gesto de atenção, afeto e cidadania compartilhada.

2. Fundamentação Teórica

O projeto *Cartas para Sorocaba* se ancora em uma concepção expandida de comunicação pública, que busca promover a escuta, a convivência e o pertencimento como práticas comunicacionais. Tal perspectiva parte da compreensão de que a cidade é mais do que um território físico: é um espaço simbólico, narrativo e afetivo. Nela circulam múltiplas vozes, memórias, disputas e significações que moldam o cotidiano urbano.

Nesse contexto, a comunicação pública assume uma função relacional, como propõe Brandão (2004), ao deslocar seu foco da transmissão unidirecional para a mediação entre sujeitos, territórios e instituições. Ela deve promover vínculos e ser sensível às narrativas locais, valorizando saberes cotidianos e formas diversas de se viver e experimentar a cidade. Assim, o campo comunicacional se torna um território fértil para estimular o engajamento cidadão e ampliar os espaços de participação simbólica.

É nesse horizonte que se inscreve a proposta das cartas. As *Cartas para Sorocaba* se inserem nessa lógica ao adotarem a cidade como interlocutora e protagonista. Escrever cartas à cidade é um gesto de ativação simbólica: é transformar a cidade em sujeito de escuta, memória e diálogo. Essa prática dialoga com os estudos de Oldenburg (2009), ao reconhecer nos espaços de convivência — reais ou imaginários — os chamados terceiros lugares, onde vínculos comunitários se fortalecem e onde a comunicação informal e cotidiana tem potência transformadora. Do mesmo modo, inspira-se na proposta de Gehl (2013), que defende uma urbanização centrada nas pessoas, em seus corpos e afetos, criando cidades mais lentas, habitáveis e participativas.

Mais do que um suporte para narrativas, a cidade é ela própria uma linguagem em movimento. Nesse sentido, a cidade não apenas comporta práticas comunicacionais — ela própria é meio, linguagem e comunicação — o que Fortunato (2019) chama de

ComunicaCidade. Para o autor, a cidade se comunica por meio de seus sons, seus fluxos, suas ausências, seus vazios e suas presenças simbólicas. Essa perspectiva reforça a escuta como um modo de estar na cidade, e não apenas uma metáfora discursiva.

Essa dimensão simbólica da escuta urbana também ressoa nas discussões sobre participação democrática. Inspirado pela ideia de esfera pública ampliada (Habermas), Avritzer (1996) argumenta que a democracia participativa depende da criação de novos espaços de fala e escuta, e que as mediações comunicacionais são fundamentais para garantir que essas vozes plurais sejam ouvidas. O projeto das cartas, ao propor uma narrativa acessível, semanal e contextualizada, constitui um microespaço de participação simbólica — uma arena de convocação sensível à pluralidade das experiências urbanas.

Para que essa convocação alcance mais pessoas, é preciso que a linguagem acolha, e não exclua. Por isso, o projeto adota a linguagem simples como um de seus pilares. Como destaca Roedel (2023), essa escolha reflete um compromisso com a cidadania, pois escrever com clareza é respeitar o tempo, a atenção e a realidade do leitor. A linguagem simples não diminui a complexidade dos temas, mas os torna compreensíveis, abrindo caminho para a apropriação crítica da informação e do espaço público. Como propõe a autora, planejar textos que funcionam é garantir que a comunicação pública cumpra seu papel democrático.

Em síntese, a fundamentação teórica das *Cartas para Sorocaba* sustenta o projeto como uma prática comunicacional híbrida e situada — entre o ensaio afetivo e a política urbana, entre o cotidiano digital e a escuta institucional, entre o gesto pessoal e a mobilização coletiva. É nessa intersecção que se constrói sua potência: transformar a escrita em escuta e a comunicação em convivência.

3. Metodologia

Este trabalho adota uma abordagem qualitativa, ancorada no campo dos estudos em comunicação pública e cultura urbana. A natureza do objeto — um conjunto de cartas escritas à cidade, em linguagem simples e tom epistolar — exige um olhar que reconheça os processos simbólicos e narrativos como dimensões essenciais da prática comunicacional.

A proposta metodológica articula três eixos complementares, que se entrelaçam na construção e análise do projeto:

3.1 Autoetnografia comunicacional: por ser o idealizador e autor das cartas, o pesquisador é também sujeito ativo na construção do objeto. A metodologia autoetnográfica, conforme delineada por Ellis e Bochner (2000), compreende a escrita de si como uma prática que entrelaça experiência pessoal, cultura e análise crítica. Ao adotar essa perspectiva, o projeto reconhece que narrativas individuais podem revelar significados coletivos e que a experiência urbana vivida pelo autor é uma lente legítima para compreender as práticas comunicacionais na cidade.

Além disso, como reforçam Maia e Batista (2020), a autoetnografia constitui uma resposta política e epistemológica ao modelo tradicional de pesquisa “objetiva”. Ela emerge como método de escuta e construção de conhecimento a partir de sujeitos implicados, especialmente aqueles historicamente colocados à margem da produção acadêmica. Nesse sentido, valoriza-se a autorreflexão, o uso de epifanias, o diálogo entre experiência pessoal e práticas culturais mais amplas, e o compromisso ético com os sujeitos e espaços envolvidos na narrativa.

Complementarmente, a noção de “pesquisador implicado”, defendida por Minayo (2012), reforça a legitimidade da presença do sujeito na construção do conhecimento, especialmente em contextos que exigem sensibilidade e escuta. Ao registrar os bastidores da produção das cartas, os sentimentos envolvidos, os lugares escolhidos e os diálogos suscitados, a autoetnografia permite acessar as **dimensões subjetivas, afetivas e simbólicas** do projeto. Trata-se de um exercício contínuo de escuta de si e da cidade, que enriquece a análise e confere profundidade à proposta.

3.2 Análise narrativa: a partir dessa escuta, cada carta é tratada como uma unidade narrativa que integra uma série maior, articulada em torno de doze grandes temas previamente definidos. Esses temas funcionam como categorias analíticas e curatoriais, orientando a produção textual e a organização do corpus. A série está estruturada com base em temas essenciais, escolhidos a partir de debates públicos, agendas urbanas contemporâneas e vivências do autor enquanto servidor público e pesquisador. Cada tema é explorado em duas cartas ao longo do ano, resultando em um conjunto de 24 textos reflexivos. São eles: Participação cidadã, Memória e identidade, Sustentabilidade urbana, Inclusão e diversidade, Cultura local, Bem-estar e saúde, Espaços públicos e convivência, Pertencimento e afetividade, Mobilidade e acessibilidade, Educação e consciência urbana, Tecnologia e vida na cidade, Futuro e inovação cidadã.

Esses temas funcionam como eixos curatoriais, oferecendo uma moldura temática que equilibra intencionalidade editorial e abertura interpretativa. Ao mesmo tempo em que propõem reflexões amplas, permitem uma abordagem situada e afetiva sobre a cidade de Sorocaba e seus habitantes.

3.3 Observação das interações digitais: por serem publicadas em ambiente digital, as cartas geram reações, comentários, curtidas e compartilhamentos. Esses registros funcionam como indicadores qualitativos da recepção pública da proposta e do engajamento simbólico gerado.

As cartas são publicadas originalmente na plataforma Medium, por oferecer um ambiente mais adequado à leitura reflexiva e à organização textual. O Instagram, por sua vez, funciona como espaço de divulgação e mediação, por meio de postagens visuais que apresentam o tema da carta, um croqui simbólico e o link direto para a leitura completa. Essa articulação entre redes e plataformas busca equilibrar profundidade e acessibilidade, valorizando tanto a experiência do leitor quanto a ampliação do alcance das mensagens. Trata-se de uma estratégia de comunicação pública integrada, que combina linguagem afetiva, estética digital e curadoria de conteúdo.

Com isso, a construção do corpus contempla a totalidade das 24 cartas previstas (duas por mês, ao longo de 2025), com suas respectivas imagens e interações. O monitoramento será contínuo, permitindo ao final do projeto uma sistematização das temáticas abordadas, das respostas do público e dos sentidos urbanos produzidos.

Mais do que um conjunto de textos, o que se delineia é um processo vivo, em que escrita, escuta e cidade se entrelaçam. A metodologia propõe, portanto, um olhar sensível e implicado sobre a prática comunicacional das *Cartas para Sorocaba*, valorizando os processos mais do que os produtos, e reconhecendo que a cidade se faz — e se refaz — também por meio de palavras, afetos e escutas partilhadas.

4. Análise e Resultados Parciais

Embora ainda esteja em curso, o projeto *Cartas para Sorocaba* já apresenta resultados simbólicos relevantes, especialmente no campo da escuta pública, da mediação afetiva e da circulação de sentidos sobre o urbano. As primeiras cartas publicadas — que abordaram temas como participação cidadã, memória e pertencimento — foram bem recebidas pelo público, gerando comentários, compartilhamentos e diálogos nas redes sociais.

Essas interações sugerem que o projeto desperta identificação, reconhecimento e envolvimento afetivo. Muitos leitores se referem às cartas como “abraços textuais”, “convites à reflexão” ou “ecos do que também sentem pela cidade”. Esse tipo de retorno indica que a proposta tem potencial para funcionar como um dispositivo simbólico de convocação cidadã, mesmo em meio a um ambiente digital marcado por dispersão e excesso de informações.

Nesse contexto, chama atenção o desejo por experiências comunicacionais mais sensíveis e acessíveis. As reações demonstram que há espaço para práticas de comunicação pública que se afastem da linguagem institucional tradicional e apostem em formas mais humanizadas de interação. A escolha pela linguagem simples, aliada à estética visual dos croquis e à cadência quinzenal das postagens, tem contribuído para instaurar um ritual leve e constante de contato com a cidade — algo valorizado por leitores que afirmam “esperar pela próxima carta”.

Do ponto de vista analítico, as cartas se configuram como microensaios urbanos — textos que, embora breves, oferecem densidade reflexiva e provocam movimentos subjetivos de reapropriação simbólica do território. Elas nomeiam lugares, resgatam histórias, sugerem novas formas de olhar e sentir a cidade. Em alguns casos, os próprios leitores passam a enviar fotos, memórias e sugestões de temas — ampliando a experiência da escuta e abrindo o projeto para um caráter mais colaborativo.

Assim, ainda que os dados estejam em consolidação, o que se revela até aqui é a potência do projeto em produzir vínculos simbólicos e instaurar novas formas de mediação afetiva com o espaço urbano. As *Cartas para Sorocaba* não apenas informam ou opinam: elas convidam, escutam, sentem e convocam. São pequenos gestos de escuta pública que, carta após carta, reencantam a cidade e produzem espaços sutis — mas consistentes — de pertencimento e participação simbólica.

5. Considerações Finais e Desdobramentos

Ao longo de 2025, o projeto prevê a publicação de 24 cartas quinzenais, estruturadas em torno dos doze temas citados. A proposta se desenvolve como um calendário afetivo e reflexivo, capaz de gerar uma produção contínua de sentidos sobre a cidade e seus modos de vida. Os resultados esperados incluem a produção de narrativas urbanas que estimulem pertencimento, participação e consciência cidadã, bem como o fortalecimento de vínculos simbólicos entre cidadãos e cidade.

Além disso, está prevista a sistematização do projeto como estudo de caso em comunicação pública afetiva, com possíveis desdobramentos como: publicação de livro, artigos científicos, apresentações em eventos e sua integração ao projeto mais amplo “Cidades para Pessoas”, em desenvolvimento até 2028. Esses produtos e processos não visam apenas ampliar a visibilidade do projeto, mas também aprofundar sua contribuição para a reflexão acadêmica e prática sobre os caminhos possíveis da comunicação pública contemporânea.

Mais do que uma ação de comunicação, *Cartas para Sorocaba* se propõe como um gesto ético e poético de escuta e devolutiva simbólica à cidade. Ao narrar experiências, nomear afetos e abrir espaços para a imaginação urbana, o projeto experimenta novos modos de pertencer, participar e comunicar no espaço público. Ele opera, ao mesmo tempo, como intervenção, arquivo e convite: um arquivo de sentimentos e reflexões sobre a vida urbana; uma intervenção sutil no cotidiano digital; e um convite permanente à construção partilhada de cidades mais humanas e sensíveis.

Cartas para Sorocaba não é apenas uma intervenção comunicacional: é um gesto de cidadania simbólica, um experimento de afeto e escuta no tecido vivo da cidade. E como toda boa carta, ela não se encerra em si — ela deseja resposta, continuidade, diálogo. Porque, no fundo, escrever para a cidade é também uma maneira de se deixar transformar por ela.

REFERÊNCIAS

AVRITZER, LEONARDO. **A moralidade da democracia**: ensaios em teoria habermasiana e democracia participativa. São Paulo: Perspectiva, 1996.

BRANDÃO, ELIZABETH PAZITO. Políticas de comunicação pública e construção da cidadania. In: LEMOS, André; PALÁCIOS, Marcos (Orgs.). **Comunicação e cibercultura**. Salvador: EDUFBA, 2004.

ELLIS, CAROLYN; BOCHNER, ARTHUR. Autoethnography, personal narrative, reflexivity: researcher as subject. In: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (Eds.). **Handbook of Qualitative Research**. 2. ed. Thousand Oaks: Sage, 2000. p. 733–768.

FORTUNATO, IVAN. **ComunicaCidade, ou como a cidade se comunica**. E-Compós, Brasília, v. 22, 2019. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/37669>. Acesso em: 29 mar. 2025.

GEHL, JAN. **Cidades para pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

MAIA, SUZANA; BATISTA, JEFERSON. **Reflexões sobre a autoetnografia**. Prelúdios, Salvador, v. 9, n. 10, p. 240–246, ago./dez. 2020.

MINAYO, MARIA CECÍLIA DE SOUZA. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

OLDENBURG, RAY. **The Great Good Place**. New York: Marlowe & Company, 2009.

ROEDEL, PATRÍCIA. **Manual de linguagem simples**: como planejar, desenvolver e testar textos que funcionam. Brasília: Edições Câmara, 2023.